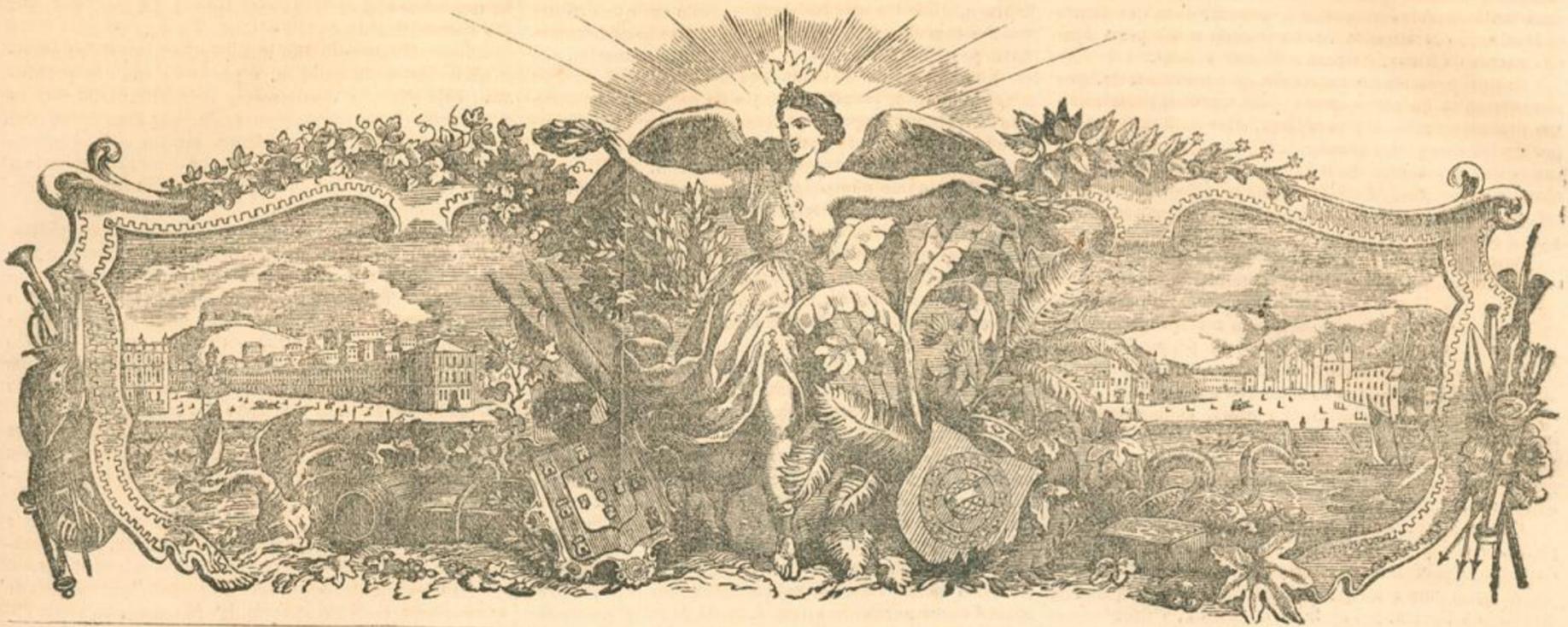


# A ILLUSTRACÃO

## LUSO-BRAZILEIRA.



### REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — ERNESTO BIESTER. — FRANCISCO GOMES D'AMORIM — FRANCISCO PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO. — CARLOS JOSE CALDEIRA.

### Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 3,500 rs. — Semestre 1,520 rs. — Trimestre 1,500 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 13. — SABBADO, 29 DE MARÇO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4,500 — Semestre 2,500 rs Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 3,5000.

### SUMMARY.

O deserto — O trabalho nas cadeias considerado como elemento moralizador — José Maria Latino Coelho — Bibliografia — Memórias extemporaneas — Horas de amor — Chronica Semanal — Modas.

BAVARIAS: — O deserto — Sigismundo Thalberg — Modas — Uma vista de Sebastopol.

rente se dirgia de bombordo a estibordo podia o capitão, sempre que o desejava, aproar a terra, para examinar seus diferentes accidentes, o que fazia com uma attenção que bem revelava ultteriores projectos de exploração minuciosa.

O aspecto da costa occidental de Africa desde o cabo da Boa Esperança até Cabo Branco é realmente interessante. O horisonte ostenta-se de uma limpidez admiravel; e nas aguas espelhentas desenham-se as fórmãs elegantes

dos vasos que as surcam; e todavia, apesar d'esta apparente serenidade, na orla de rochedos que cingem a mesma costa quantos lastimosos desastres não têm succedido?

Algumas canoas, dirigidas com maravilhosa habilidade, por vezes se aproximavam da nossa corveta. Deixavamolas chegar á falla frequentemente; mas assim que anoutecia era mister toda a cautela, a fim de que não descaissemos sobre os parceiros, que nos cumpria evitar a todo o custo.

O tempo foi gradualmente mudando; as vagas começaram de levantar-se com pavoroso fragor, e, como se um triste presagio nos ameaçasse alguma catastrophe, deu-se ordem para metter o leme de ló, e carregar a mesena.

O capitão acercou-se de mim, e apertando-me a mão, apontou-me para a zona esbranquiçada, na qual não quizera que se compromettesse o casco da *Nereida*.

Occorreu-me então

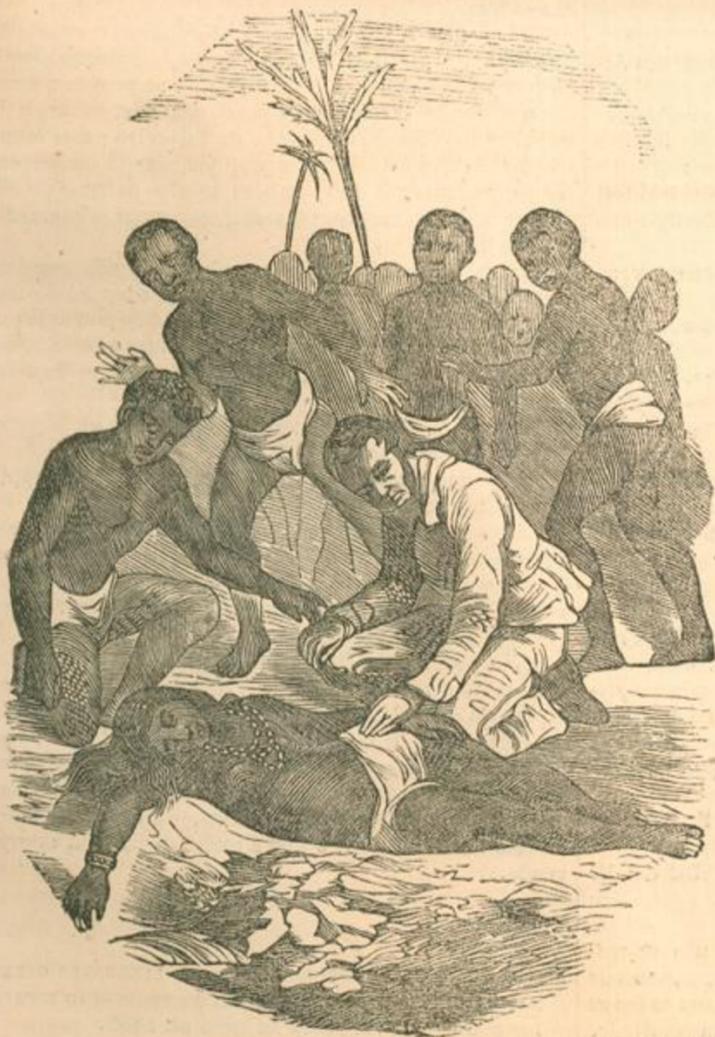
uma recordação dolorosa, e dirigi ao céu ardente prece pelos infelizes a quem o mar havia devorado n'aquellas latitudes de desolação.

Estavamos nos Açores, n'aquelle banco fatal que foi testemunha de tantos brados, de tanto desespero, de tanto sacrilegio... estavamos no frio sepulchro da *Medusa*.

O mar proseguia borrascoso; as ondas estorciam-se enoveladas e espumantes. O capitão bradou: *arria e carrega*, e a vista experimentada de um grumete atravessava

a espessa nebrina do horisonte para nos annunciar a salvação e o descanso.

A final ouvimos-lhe gritar: *terra, terra*. E de feito vimos-la todos; era esbranquiçada e regular na sua parte mais elevada; pela pópa cruzavam o horisonte repetidos meteoros, e a corveta vogava com mais confiança, posto que se não houvessem abandonado as necessarias precauções, pois não ignoravamos que os bancos de coral sobre os quaes navegava, abrem com a maior facilidade as qui-

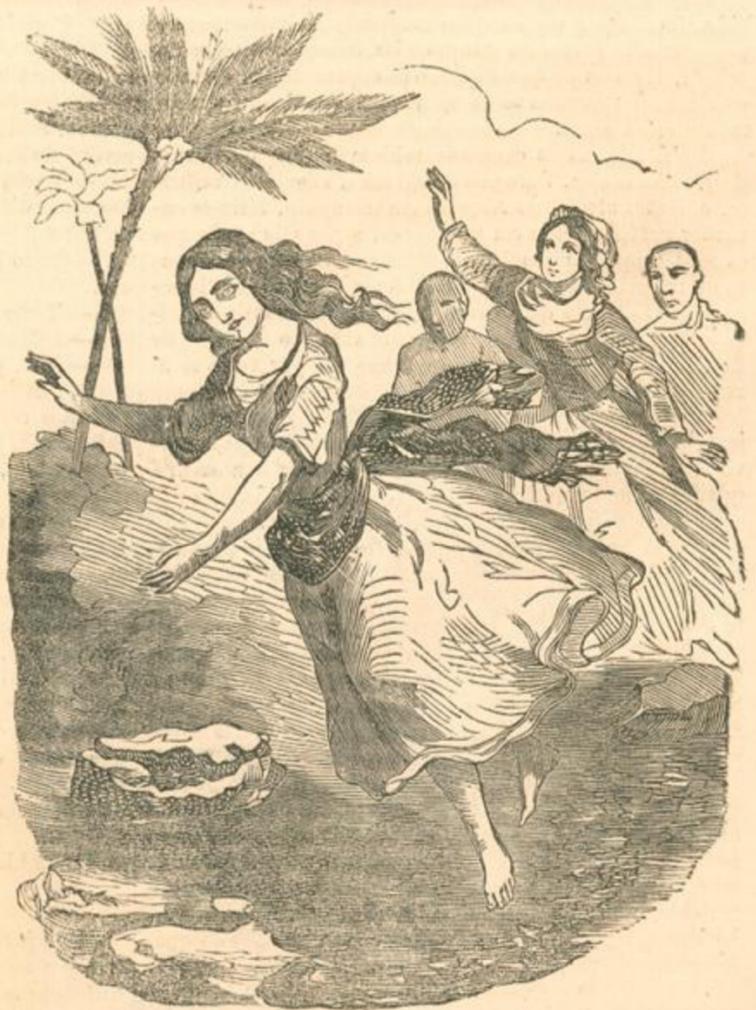


### O DESERTO.

(FRAGMENTO DE UMA VIAGEM POR ARAGO).

KAIKAE.

Soprava suavemente a brisa, semelhante aos affagos de um amigo; faziamos tres leguas por hora; e como a cor-



lhas forradas de cobre que acontece pegarem em suas pontas ericadas.

Ouviu-se a voz do capitão bradar: Todos a seus postos, e prompto a largar ferro.

Pouco depois soltou-se a ancora; os seus dentes de ferro cravaram-se no abysmo, e a formosa *Nereida* descansou alfin, como se estivera segura a solido penedo, a meia legua da praia. A nossa corveta era destinada a proteger com a sua bandeira e com os seus canhões as pos-

sessões francezas do Senegal, e os navios mercantes que lá conduzem as suas fazendas e os seus vícios, em cambio de marfim, de cera e de ouro em pó.

Eu por mim examinava a horisonte com o fim de de-vassar até onde era possível aquella terra requemada, na qual tantos homens buscam a opulencia, e em que tantos cadaveres são arrancados dos covaes alta noute pelas agudas garras da hiena, da panthera e do chacal.

Comprimntamos com sete tiros o pequeno forte, que nos correspondeu cortezmente, e em quanto os marinheiros descansavam de tantas fadigas, e o capitão se gloriava por tão feliz viagem, embarquei, ávido de emoções, n'uma canoa que estava encostada á *Nereida*, e fui desafiar o simoun e o leão, essas duas tempestades do deserto, mais temíveis com vezes que as trombas e os tufões quando sublevam a superficie das aguas.

Remavam os negros, de cujos braços e rostos escoria acre e livido suor, cantando alegremente, como se fóro uma orgia. E orgia era aquella com effeito para elles, pois que em recompensa do seu bom serviço haviam recebido varias moedas, com as quaes se propunham, em frequentes doses de cachaça, esquecer o lidar d'aquelle dia, e consolar-se do que os esperava no seguinte.

Ao alvorecer já eu estava na praia, contemplando a immensidade dos desertos que me cercavam: um turbido, dominador, jogueteando com os navios e com as esperanças do homem; o outro mais terrível de certo quando o simoun o agita furioso.

Conhecia o primeiro, pois muitas vezes estivera á mercê dos seus caprichos; resolvi estudar o segundo e sondar os seus profundos mysterios.

Armado com a minha espingarda, espada e pistolas, e vestido á ligeira, saf sósinho de Banon, entranhei-me pela terra dentro, e largando um estreito trilho, puz-me a andar por um extenso areal, em cuja extremidade se erguiam immensas columnas de fumo, perdendo-se nas regiões atmosphericas. Cinco ou seis serpentes verdes ou pardacentas, despartando ao ruido dos meus passos, soltaram agudos silvos, em quanto eu proseguia impavido entre os troncos calcinados, que a cada passo topava.

Depois de duas horas de marcha rapida quanto o permittia o caminho, cheguei á entrada de um bosque cerrado, e dei cara a cara com uns vinte pretos, acorados em torno de um quadrupede já meio devorado. Era uma refeição selvagem aquella.

Assim que me viram levantaram-se, e com gestos cortezes me convidaram a que participasse do festim. Aceitei sem hesitar, sentando-me entre uma velha e um pequeno: em seguida engoli um pedaço de carne negra e gordurenta, e bebi agua pura por uma cabaça. Em troca dei aos meus commensaes um par de tesouras, e um panno, que dei aos hombros do rapazito, que se não cangava de brincar com os botões do meu fato.

Os individuos que tão cordialmente me haviam recebido, faziam parte das muitas caravanas aventureiras que percorrem as cercanias das colonias europeas a oeste da Africa, vivendo do que lhes dão os exploradores, quando os furacões devastam as campinas em que momentaneamente estanciam.

Dous homens da caravana sabiam algumas palavras do idioma inglez. Uma joven negrinha, com olhar ardente, e dentes alvejantes limados em triangulo, fazia-se entender perfectamente em portuguez, e por ella soube que os seus companheiros tinham dado aquelle sitio para ponto de reunião a outra cafla que devia chegar no dia seguinte. O objecto da tal reunião era o matrimonio da bella interprete com um cabeceira mui valoroso do reino de Boui, cujo poder era tão grande que até por vezes se fizera temido dos estabelecimentos europeus.

Viajar para correr mundo tão sómente parece-me rematada loucura. Se as viagens não interessam, de que serve emprehendê-las? Os perigos se honram o homem é quando sabe aproveitar-se d'elles.

Fiquei ali pois, porque desejava aprender. Assim que anouteceu estiramo-nos em cima de mantas de lã, cobrindo-nos com pelles de leão, de tigre e de cavallo marinho; mas eu não pude dormir um só instante occupado como estava em evitar as picadas de enormes mosquitos, cujo zumbido me atroava os ouvidos, similhando remoto rufar de tambor. A pelle dos negros estava acostumada áquellas ferroadas, e seu roncar estrepitoso e incessante serviu de acompanhamento á melodia dos alados insectos, da qual só podia livrar-me uma agitação febril.

Antes de adormecer haviam os pretos entoado uma breve oração; o mesmo fizeram ao acordar. Os homens e as mulheres, pela ordem da idade, lavaram os pés n'uma especie de lagõa formada pelas aguas provenientes de uma montanha, cortada a prumo, que se debuxava no horisonte: concluidos estes primeiros cuidados, demos principio ao almoço, que se compunha de pedaços assados do quadrupede que tinham sojejado do dia anterior.

Eu escrevia e desenhava. Nenhum d'aquelles homens sabia o que fosse perspectiva, nem tão pouco comprehendia a theoria das sombras. Só nos contornos achavam alguma coisa de aproveitavel, zombeteando do historiador e do artista que dava importancia a suas palavras e gestos.

Terminada a frugal refeição os meus novos amigos puzeram-se a bailar ao som do tambor e ao de uma casca de tartaruga. O seu dansar consistia em saltos continuos, acompanhados de um canto monotono de tres notas que todos entoavam.

Intrometti-me tambem no coro; mas taes abraços me deram em paga que protestei nunca mais cair n'outra.

Logo que os negros se convenceram de que tinham necessidade de descansar das fadigas da dansa, acercou-se de mim a joven desposada, e travando-me familiarmente do braço, disse-me que teria muito gosto em que eu fosse passear com ella. O valor e a affabilidade são os dous melhores passaportes do viajante, e á ninguem aconselho que leve a terra alguma pussilanimos desconfianças, ou que se apresente com grande aparato de força. Assim tenho feito de ha tanto tempo que ando por esse mundo de Christo, e nunca tive de arrepender-me do meu systema, ainda nas regiões mais selvagens, e indomitas.

Kaikaé, nome pouco harmonioso na verdade, não me inspirava temor algum: teria apenas uns dezeseis annos; os seus pés e as suas mãos eram de rara delicadeza; e quem sabe! — talvez que estes dotes, e a sua voz melodiosa, e o seu sorriso fagueiro me provocassem lubricos desejos, se não repugnasse á minha probidade abusar da innocencia de uma mulher que n'aquelle mesmo dia ia pertencer a outro.

O traje da ladina Kaikaé era tão singelo como gracioso. Em vez de vestido, e de chaile, tinha um collar de contas de vidro ao pescoço, e uma tanga de panno escarlate, atada sobre os rins!

É impossivel que eu descreva com exactidão os movimentos e gestos d'aquelle formosa companheira de passeio; comtudo desejava vel-a mais composta, porque o pudor, ainda mesmo nas regiões tropicaes, parece-me uma cousa absolutamente indispensavel.

Caminhavamos nós de braço dado como dous amigos ou como dous irmãos, e em breve chegámos a um sitio de areia branca por entre a qual fulgiam infinitas particulas de ouro e de mica. Sentamo-nos debaixo de uma lãncira magestosa, cuja copa gigante nos preservava do calor suffocante que fazia gretar o sólo. Kaikaé, apertando-me então as mãos com um sentimento de indefinivel curiosidade, perguntou-me se a terra d'onde eu viera era muito grande.

— Muito grande, respondi eu.  
 — Ha lá muitos homens e muitas mulheres?  
 — Muitos mais do que na Africa.  
 — Ha go-yabas, bananas e cocos?  
 — Não.  
 — Triste é essa terra que não tem taes cousas, e em que vivem tantos brancos!

Bom é que se saiba que os deuses africanos são de ebanõ, e os seus numes infernaes pintam-nos da cor dos europeus.

— Queres dizer com isso que não gostas de mim, redargui eu á minha companheira.  
 — Não por certo; se és branco!  
 — Já se vê que por tal motivo me não quererias para noivo.

— Depois sim; antes não.  
 Digam-me agora que a Europa se não reflecte nos desertos africanos.

Em desforra comecei a dirigir perguntas á curiosa negrinha, e uma d'ellas foi, se no seu paiz havia bonitas casas, muitos homens, e boas armas offensivas:  
 — Temos casas que por ninguem foram construidas, bosques, montanhas, planuras e pontes; nadámos como golfinhos.

— Tudo isso é excellente; mas não tem homens brancos.  
 — Tanto melhor; os brancos são traidores e maus.  
 — Julgas-me capaz de te fazer mal?  
 — Não, porque só não tens bastante força.

Oh nações civilizadas! Que gratidão haveis implantado nos corações d'esses homens ferozes de todos os archipelagos, de todos os imperios, quando lhes laveste avossas artes, a vossa industria, a vossa religião e os vossos vícios!

Preparava-me ainda para dirigir novas perguntas a Kaikaé, quando esta curvando-se subitamente, e encostando-se a cabeça ao chão, deu um pulo, e exclamou:  
 — Hiena! hiena!

Quiz fugir; não lh'o consenti, e entreguei-lhe a minha espada, da qual travou com uma especie de coragem juvenil; ao mesmo tempo, engatillei as minhas pistolas e esperei, dizendo comigo: — Eis aqui um episodio inesperado, que deve ser bem recebido pelo viajante que deseja contar alguma cousa de novo depois das suas divagações.

Continúa. F. P.

O TRABALHO NAS CADEAS CONSIDERADO COMO ELEMENTO MORALISADOR.

Este jornal, como o seu titulo o indica, não se restringe a assumptos exclusivamente litterarios, tem fins de utilidade mais positiva, e abrange no seu plano todos os factos que demonstrem um adiantamento, um resultado, uma solução que se manifeste em favor dos diversos interesses ou circumstancias moraes e physicas da sociedade. A illustração parte essencialmente do mundo das idéas; mas todos os seus esforços, todos os seus intuitos e tendencias teem por mira resolver os maximos problemas que se agitem no dominio positivo das sociedades em acção.

É por este motivo que nos enterteremos hoje em registar um facto que traz após de si mil ponderações a res-

peito de uma questão que, pelo seu largo alcance humanitario, pelos satisfatorios effeitos de seus resultados, pela magestade e excellencia moral do seu influxo n'uma classe digna por todas as considerações dos cuidados e lucubrações do philosopho e do legislador, ja devêra de ha muito ter sido tratada entre nós, e ter uma applicação systematica e ampla em o nosso paiz.

A questão do trabalho introduzido nas prisões ou logares de detenção publica, é por certo um dos problemas, cuja efficacia e progressão de resultados, todos os dias evidenciados na eloquencia de suas demonstrações, o afastam completamente desses muitos outros pensamentos que a imaginação dos utopistas humanitarios tem concebido, com o intento de melhorar ou regenerar a indole do homem pervertido.

O trabalho, que em todas as espheras da actividade humana é sempre um poderoso motor de reforma e purificação de costumes, não podia deixar de conservar esta qualidade da sua natureza nas prisões, locaes onde o ocio redobra os vãos ás propensões viciosas dos caracteres contaminados, se distrações serias e proveitosas não concentrarem as idéas do criminoso em occupações, que lhe sejam impostas por um regimen, ou de que lance mão instigado pelos lucros que disso lhe resultem.

É esta a base, ou a mola mais poderosa do systema das penitenciarias, de que a America e alguns paizes da Europa tem obtido já tantas vantagens para a morigeração das classes criminosas.

Por este systema a justiça chega ás mais difficeis e satisfatorias soluções moraes, sem aggravar, antes completando os verdadeiros e severos dictames humanitarios.

Não se sequestra o homem da sociedade, para depois de se satisfazer vamente ás formulas de uma penalidade absurda o entregar de novo a essa sociedade, porém peor, mais pervertido pela vida commum, no seio dos grandes crimes, tentado e alluido nos seus mais arreigados principios de moralidade e religião por exemplos de torpessa, devassidão e malvadez. O que se faz é constringer o criminoso ao cumprimento de uma sentença, mas que não é só corporal mas tambem moral, pela imposição do trabalho que lhe entertem e concentra as faculdades em occupações uteis e que tendem a educal-o em novos habitos de completa regeneração moral.

Este systema, theoreticamente, é completamente desconhecido em Portugal. Fez-se ahí um codigo penal, obra aturada de varios pensadores e criminalistas; mas nem a mais leve idéa se consignou nesse complexo absurdo e antinomico de comminações ácerca de um systema que tanto combina os preceitos evangelicos com as exigencias da justiça juridica.

No entanto, o que os legisladores não tem feito vão-no fazendo os instinctos de boa organização, as verdadeiras condições de regimen interno e de regulamento das cadeas.

Não sabemos se o sr. Forjaz, dignissimo ajudante do procurador regio, teve ou não em vista o systema seguido nas prisões penitenciarias, quando se propoz a fazer dar o maior desenvolvimento possivel a todos os ramos de trabalho nas diversas officinas do Limoeiro; mas o que sabemos é, que os resultados obtidos hoje já conseguem chegar aos mesmos fins, embora se não partisse de tão alto, e os meios empregados não estejam absolutamente systematisados.

Ainda que os factos em grande escala não comprovassem n'outros paizes a excellencia da adopção do trabalho, como meio civilizador, nos logares de detenção publica, os resultados alcançados nos ultimos quatro annos na cadea da cidade deram uma seria demonstração a favor do systema.

O anno de 1853 produziu 49:096\$420 rs. de objectos fabricados nas diferentes officinas.

É já uma somma que demonstra a verdadeira applicação e methodo de trabalho.

Estes lucros, todos em favor do productor, dão de si o duplicado effeito de o morigerar pelas distrações e occupações lucrativas de qualquer processo industrial e de o fazerem subsistir mais commodamente pelos recursos que tira do seu trabalho.

Não podemos resistir á tentação de exarar aqui, na summa do que nos foi enviado, o mappa do anno findo, e que pela diversidade dos generos de industria que abrange, pela somma de seus productos, e pela sua facil e ampla extracção, provam a grande força de energia que o trabalho em muitas das suas mais proficuas ramificações, tem assumido nas officinas do Limoeiro, e a boa qualidade e fabrico dos artefactos, o que é attestado na facil e ampla venda.

Eil-o:

MAPPA DOS OBJECTOS PRODUZIDOS NAS DIFFERENTES OFFICINAS DA CADEIA DA CIDADE, CONTA DA PRODUÇÃO E PREÇO PORQUE FORAM VENDIDOS NO ANNO DE 1853.

Na officina de sapateiro os objectos produzidos foram. . . . .	106:066
Termo medio do seu custo. . . . .	19:646\$910
Termo medio porque foram vendidos. . . . .	24:344\$000
Lucro ou differença a favor do productor. . . . .	4:997\$090

Na officina de esparteiro os objectos produzidos foram.....	413:217
Termo medio do seu custo.....	1:563\$760
Termo medio porque foram vendidos....	2:045\$875
<b>Lucro ou differença a favor do productor.</b>	<b>482\$115</b>
Na officina de escoveiro os objectos produzidos foram.....	36:463
Termo medio do seu custo.....	1:086\$920
Termo medio porque foram vendidos....	1:596\$310
<b>Lucro ou differença a favor do productor.</b>	<b>509\$390</b>
Na officina de latoeiro os objectos produzidos foram.....	983
Termo medio do seu custo.....	90\$295
Termo medio porque foram vendidos....	136\$890
<b>Lucro ou differença a favor do productor.</b>	<b>46\$595</b>
Em officinas diversas os objectos produzidos foram.....	12:866
Termo medio do seu custo.....	541\$055
Termo medio porque foram vendidos....	1:036\$990
<b>Lucro ou differença a favor dos productores.</b>	<b>495\$935</b>
<b>Somma total.</b>	
Objectos produzidos.....	569:595
Termo medio do seu custo.....	22:932\$940
Termo medio porque foram vendidos....	29:160\$065
<b>Lucro ou differença a favor dos productores.</b>	<b>6:227\$125</b>
<b>Trabalharam durante o anno (termo medio) 260 presos.</b>	

Resumo dos valores produzidos nas officinas das cadeias civis da capital nos annos de 1852, 1853, 1854 e 1855.

<b>Anno de 1852.</b>	
Termo medio do custo dos objectos produzidos.....	9:909\$129
Termo medio do preço porque foram vendidos.....	13:796\$759
<b>Lucro a favor dos productores</b> .....	<b>3:887\$630</b>
<b>Anno de 1853.</b>	
Termo medio do custo dos objectos produzidos.....	37:291\$693
Termo medio porque foram vendidos....	49:096\$420
<b>Lucro a favor dos productores</b> .....	<b>11:804\$727</b>
<b>Anno de 1854.</b>	
Termo medio do custo dos objectos produzidos.....	32:826\$200
Termo medio porque foram vendidos....	41:705\$960
<b>Lucro a favor dos productores</b> .....	<b>8:879\$760</b>
<b>No anno de 1855.</b>	
Termo medio do custo dos objectos produzidos.....	22:932\$940
Termo medio porque foram vendidos....	29:160\$065
<b>Lucro a favor dos productores</b> .....	<b>6:227\$125</b>
<b>Total dos quatro annos.</b>	
Termo medio do custo dos objectos vendidos.....	102:959\$962
Termo medio porque foram vendidos....	133:759\$204
<b>Lucro a favor dos productores</b> .....	<b>30:799\$242</b>

Estes são inquestionavelmente os argumentos mais persuasivos e concludentes que se podem produzir em favor do trabalho em casas de detenção. E o sr. Forjaz faz por certo um bom serviço, não só promovendo esta obra de regeneração moral para muitos instinctos que se perverteriam entregues á preguiça e aos ocios da devassidão, mas publicando e comparando de anno para anno o resultado de tão louvaveis esforços.

Pena é que este trabalho perca algum tanto do seu valor estatístico com a ommissão de uma clausula que,

se viesse mencionada na synopse comparada dos quatro annos anteriores, assim como vem no anno de 1855, mostraria a força de actividade industrial desenvolvida em cada um dos annos. Referimo-nos ao numero de presos que trabalharam em cada anno. A synopse comparada não o traz. Se esse numero viesse mencionado em todos os annos, assim como vem no anno de 1855, havia occasião de ver de relance, e de uma maneira positiva, comparando o numero dos presos com o numero dos objectos produzidos, qual tinha sido o anno em que o trabalho havia chegado ao seu maior grau de actividade e desenvolvimento, o que não é indifferente, porque por ahí teriamos occasião de observar-se o habito de trabalho, tomando largas proporções e organizado debaixo das indicações industriaes, vae sempre em progressão ou não.

Outra falta temos a notar no mappa que nos enviou o sr. Forjaz, e que não é por ventura de menos importancia, considerada esta questão como importa consideravel-a, pelo seu aspecto moral.

Parece-nos que juncto ao mappa do movimento industrial das officinas da cadeia da cidade, devia igualmente vir outro mappa dos crimes commettidos dentro das mesmas cadeias. Era esta um trabalho facil, e o meio evidente e demonstrativo de provar a influencia progressiva e moralisadora que as diversas occupações industriaes possam ter sobre os máus instinctos dos presos.

Por aqui via-se de uma maneira apreciavel, se effectivamente a influencia do trabalho sobre as propensões viciosas ou perversas dos presos era tal, que de anno para anno vissemos diminuida essa desgraçada estatística de crimes que tão a miúdo se commettem nos logares de detenção de criminosos.

Estas observações todavia em nada importam uma censura ao trabalho do dignissimo ajudante do procurador regio: tem unicamente em vista completal-o debaixo do seu duplo ponto de vista industrial e moral, como já ponderamos. São pequenos reparos a que o sr. Forjaz attenderá indubitavelmente, conhecendo, como hade conhecer, a utilidade e alcance do seu fim.

ANDRADE FERREIRA.

JOSÉ MARIA LATINO COELHO.

Nasceu em Lisboa aos 29 de Novembro de 1825. Seu pae foi João Albrto Coelho, então capitão d'artilheria numero um e lente de mathematica n'aquelle regimento, e que morreu sendo tenente coronel da mesma arma; um dos mais distinctos officiaes d'artilheria d'aquelle tempo, pelo seu talento, saber, e sangue frio proverbial entre os seus camaradas. É sua mãe D. Maria Henriqueta Latino Martins de Faria Coelho.

Desde muito novo sua mãe lhe ensinou a ler e os mais elementos da primeira educação da puericia, de maneira que aos seis annos lia correntemente e sabia de cór uma grande quantidade de idéas, fructo da applicação ao estudo em idade tão tenra, e da affeição com que largava os brincos da sua idade para passar largas horas lendo tudo que lhe vinha á mão dos livros portuguezes e castelhanos. Seu pae lhe ensinou a escrever e os primeiros principios de arithmetica.

Tinha apenas seis annos quando seu pae saiu de Lisboa, despachado major lente para o regimento d'artilheria de guarnição em Elvas. Passado pouco tempo, seu pae, que era um dos mais honrados e convictos liberaes de quantos em Portugal tem existido, viu-se obrigado a emigrar para Hespanha, donde voltou com outros emigrados a tomar a praça de Marvão e a sustentar depois o cerco, que as forças realistas lhe pozeram por muitos mezes. Só em 1834 voltou a Lisboa, e então ponde Latino Coelho continuar a sua instrução, debaixo da direcção de seu pae.

Aos oito annos continuára Latino Coelho aprendendo francez e inglez, os elementos de mathematica, e os principios das sciencias, em que seu pae era solidamente erudito. Em 1837, quando contava menos de onze annos, entrou a estudar latin no lyceu nacional de Lisboa. Deuse um caso excepcional e sem exemplo. Aprendeu ali n'um só anno todo o latin que em dois e tres se aprendia e ainda hoje se aprende em Portugal. Submettido a exame, mostrou na sua meninice, e depois de tão breve tempo de ensino, uma erudicção não vulgar para a sua idade. No anno seguinte aprendeu logica no mesmo lyceu sob a direcção do doutor Xavier d'Almeida, professor de philosophia, e um dos mais distinctos lentes da escola polytechnica; homem cuja morte prematura foi de todos sentidissima. Era aquelle professor particular amigo e singular favorecedor de Latino Coelho, a quem conhecia desde os mais tenros annos. Com as lieções d'elle, distinguio-se o mancebo entre seus condiscipulos, effastando-se da philosophia rotineira, que então se ensinava e ainda hoje se ensina infelizmente em Portugal, e cultivando as escolas modernas da philosophia, quanto era compativel com a sua idade ainda juvenil. No exame teve uma singular e privilegiada distincção. Assistiu como presidente, um velho respeitavel pela sua erudicção e auctor de algumas obras, se não primas, ao menos de incontestavel merito, o professor Francisco Freire de Carvalho, conego da santa igreja de Lisboa, e mestre da princeza D. Amelia.

Esperava Latino Coelho, que segundo o estylo usado

nos exames, os professores formulassem as perguntas a que devia responder. O presidente disse-lhe, porem, que não era preciso perguntar, e que dissertasse sobre qualquer ponto da sua escolha. N'aquelle idade Latino Coelho distinguia-se pela facilidade com que discursava, pela abundancia da sua dicção, e pelo desembaraço de homem já maduro, com que fallava diante dos seus professores.

No mesmo anno estudou grego, e no fim de um anno de continuo tracto com as muzas de Homero, pôde colher o que ordinariamente se adquire em mais largos estudos e applicação.

Tinha treze annos quando se matriculou no primeiro anno da escola polytechnica. De onze cadeiras, sem contar o desenho, se compunha então o quadro dos estudos n'aquelle escola; sendo duas de mathematicas puras, uma de mechanica racional, uma de astronomia e geodezia, uma de chymica, uma de physica, tres dos tres ramos da historia natural, uma de economia politica e direito administrativo, e um curso elementar de historia natural, que no primeiro anno da escola se estudava como introdução ao estudo desenvolvido das sciencias naturaes. Durante os quatro annos que cursou aquellas cadeiras todas, foi o alumno mais distincto. Em nove d'estas cadeiras obteve o primeiro premio de sessenta mil reis; na cadeira de calculo, apesar da sua applicação e do seu saber, só alcançou um premio honorifico; e no curso de introdução não alcançou premio, apesar de ser o primeiro estudante approved com distincção, porque segundo a lei não havia premios n'aquelle curso.

Depois de concluido o curso da escola polytechnica, foi estudar o curso de engenharia militar na escola do exercito; e havendo sentado praça de soldado no regimento de infantaria n.º 16, pouco depois foi despachado alferes-alumno para o mesmo regimento. Em quanto frequentava o primeiro anno do seu curso militar, foi oppor-se em concurso á substituição da cadeira de mineralogia e geologia da escola polytechnica; sciencias em que fizera mais predilectos estudos sob a direcção do illustre professor d'aquella cadeira, o doutor Pereira da Costa, cuja amisade cultivava desde os mais tenros annos. Depois de provas oraes e escriptas em exame publico e solemne, foi Latino Coelho admittido como lente substituto da escola polytechnica.

Continuando a frequentar o curso da escola do exercito, obteve ali tres premios, e habilitou-se com distincção para a carreira de engenharia. Concluiu o seu curso exactamente no anno em que estalava em Portugal a revolução que em 1847 terminou pelo protocollo, e pela intervenção das tres nações, segundo o tratado da quadrupla alliança. Depois de terminada, foi despachado alferes effectivo; e em 1851, na regeneração ou ministerio do duque de Saldanha, foi nomeado tenente da arma de engenharia, continuando sempre a ser lente da escola polytechnica.

Serriamente applicado aos estudos severos e positivos das sciencias, nunca em quanto foi estudante escreveu nem publicou escripto algum litterario ou politico. É a este bom senso, com que reprimiu as tentações naturaes em todos os mancebos de se distinguirem na imprensa politica ou litteraria; é a esta reflectida abstenção de todo o tracto das lettras amenas, em quanto serios estudos o traziam occupado, que Latino Coelho deveu saber alguma cousa nas variadissimas carreiras das sciencias mathematicas e naturaes. Nos principios de 1848 foi que uma circumstancia imprevista e accidental o trouxe a arena da imprensa. Honravam-no muitas pessoas com favoravel juizo, faziam algum conceito dos seus talentos e do zelo com que se applicava aos estudos, tirando delles algum fructo; mas ninguem suppunha que se podesse tornar escriptor politico e litterario.

Durante os mais graves estudos das sciencias mathematicas e naturaes, depois no meio dos difficéis encargos do professorato, dedicou sempre algumas horas de cada dia ás lettras, que amava e havia cultivado desde a infancia. Escrevia poesias e prosas, que occultava ainda dos mais intimos amigos, e que depois, julgando-as indignas de toda a publicidade, entregava á punição das chamas.

Por 1849 uma doença nervosa o veio atacar de entranhada e invencível melancholia. Aborrecia-lhe o tracto de toda a gente, e só lhe serviam de consolação as horas que passava no gabinete, applicando-se a todos generos de erudicção, e escrevendo o que lhe dictava o mau humor de que a doença o inquietava. O redactor d'um periodico litterario, de obscura reputação, veio procural-o, e propor-lhe a collaboração na sua folha. Chamava-se o *Fa-ro-l*. Aceitou o encargo com o firme proposito de somente escrever por distracção, e de modo nenhum para lisongear vaidades de escriptor. Dentro em pouco o jornal obscuro era lido em Lisboa e conhecido de todos os homens de lettras.

Já antes d'isto tinha Latino Coelho composto algumas poesias, que se publicaram na *Epoca*, excellento semanario de litteratura, em que collaboravam muitos dos mais distinctos escriptores de Portugal. De modo que antes de publicar escripto algum em prosa, primeiro se estreou como metrificador.

O modo como se apresentou no *Fa-ro-l* valeu-lhe ser inscripto na lista dos escriptores portuguezes. Pouco tempo depois, em 1849, foi sollicitado para entrar na redacção de diversos jornaes. A *Revolução de Setembro*, o jor-

nal mais antigo e de maior influencia em Portugal, convidou-o para seu collaborador, e Latino Coelho estreou-se ali, escrevendo uma serie de artigos sobre as questões que agitavam então a Europa, e sobre as diferentes phases porque então passava a idéa democratica, que já luctava por toda parte com a reacção. Entrando activamente a colaborar na *Revolução de Setembro*, sempre combatu o governo, dirigindo tambem alguns mezes, como redactor principal, um periodico de opposição, a *Emancipação*.

Por 1851 fundou-se em Lisboa um jornal de litteratura, a *Semana*, em que escreveram todos os principaes escriptores e homens de letras de Portugal. Latino Coelho teve uma parte importantissima naquella redacção, não havendo um só numero, em que se não encontrem artigos seus de diversos generos, principalmente de critica e do gosto particular a que os inglezes chamam *humouristic*. Os melhores artigos que alli se publicaram da sua penna são os *fac-similes* de diferentes homens eminentes nas letras; especie de *horo-scopo*, tirado a cada um delles pela inspecção da sua assignatura. É escripto de alguma originalidade, e que não tinha exemplo na litteratura nacional.

Já antes disto havia tambem escripto muitos artigos biographicos, de nacionaes e de estrangeiros, e uma collecção de *typos nacionaes* no periodico litterario intitulado a *Revista Popular*.

O *Panorama*, o jornal litterario mais antigo e mais acreditado em Portugal, o que deu a primeira reputação a Alexandre Herculano, tem publicado muitos artigos de Latino Coelho, e nelle se publica actualmente a biografia de Garrett, a qual é escripta em proporções de formar depois um livro, em que se estude a vida politica e litteraria do illustre escriptor, e a influencia dos seus escriptos na litteratura nacional.

Em 1852 escreveu Latino Coelho o prologo da primeira edição da *Iberia*; memoria sobre a união pacifica e legal de Hespanha e Portugal, que em portuguez e castelhano, publicou seu auctor D. Sinibaldo de Mas. Aquelle brilhante prologo o fez conhecido em Hespanha, e só por si lhe adquiriu alli bastante reputação.

Desde 1853 que se publica em Lisboa uma obra monumental destinada a reproduzir os monumentos de Portugal. Esta obra, que sob o titulo de *Portugal Artístico* tem já publicado uma serie de numeros, tem tido a Latino Coelho como redactor do texto que acompanha as estampas de grande formato.

É raro o jornal litterario de certa ordem em que Latino Coelho não tenha escripto.

Para uso dos alumnos da escola polytechnica escreveu ha alguns annos um *Curso elementar de historia natural*, que não está ainda completo. Acham-se tambem publicadas já algumas folhas de um livro que a instrucção elementar e popular reclamava desde muito, onde se achassem expostos os conhecimentos rudimentaes das sciencias e das letras. Esta obra tem por titulo *Encyclopédia das escolas primarias*. Forma um grande volume de mais de 300 paginas em quarto. Nesta obra que empreheendeu juntamente com o seu amigo o professor Julio Caldas Aulete, pertence-lhe a maior parte da collaboração.

Tem uma paixão extraordinaria pelo estudo das linguas. Comsigo mesmo aprendeu allemão, e por curiosi-



Segismundo Thalberg.

dade se applicou durante uma temporada ao estudo do sueco, que traduz. É raro o dia em que não passa alguns bocados de tempo na leitura dos bons auctores latinos, principalmente de Cicero, que é o seu prosador predilecto, e de Virgilio. Desde mui tenros annos cultivava a litteratura e a lingua castelhana, a que é singularmente afeiçoado. Escreve com facilidade em alguns dos idiomas, que conhece, e com elegancia e pureza no hespanhol, como attestam os antigos biographicos sobre Almeida Garrett que nesta *Revista* está publicando.

Nas eleições supplementares de 1854 foi eleito deputado por Lisboa. Esteve durante dois mezes sem fallar. A sua extrema modestia fazia-lhe considerar como a mais difficil de todas as empresas, o fallar n'uma assemblea legislativa. Apesar de habituado a orar na cadeira professoral, intimidava-o extremamente a tribuna. Comtudo no seu primeiro discurso prendeu completamente a attenção da camara, foi eloquente e espirituoso, e mereceu os elogios de oradores consummados e de toda a imprensa jornalística. Segundo o voto dos jornaes de todas as cores politicas, tem vocação para a tribuna, aonde, porém, talvez não seja muito frequente no decurso da sua vida parlamentar, porque a sua organização extremamente delicada e nervosa não se casa com as agitações da palavra; chegando a tal ponto, que depois d'um discurso prolongado experimenta violento abalo nos nervos, o que o incommoda sobremaneira.

Em 1852 foi nomeado vogal da commissão central dos pesos e medidas, creada para estabelecer em Portugal o systema metrico decimal, decretado pela segunda dictadura da regeneração.

Nos fins de 1854 foi nomeado membro do conselho dramatico, creado em 1853 para dirigir os theatros de Portugal.

Ultimamente foi admittido como membro da primeira classe da academia real das sciencias de Lisboa, onde

faz parte da commissão encarregada da reforma do museu nacional.

Terminarei aqui a singela narrativa biographica a que me propuz. A penna mais auctorizadas pertence a apreciação litteraria dos escriptos e indole de Latino Coelho.

Nas *Memorias de litteratura contemporanea*, de Lopes de Mendonça, se encontra essa apreciação, que para o leitor curioso servirá de brilhante e com pensador complemento á humildade deste trabalho.

C. J. CALDEIRA.

#### BIBLIOGRAPHIA.

*Revista Peninsular*. — Intuito do seu programma. — Influxo litterario e social que esta publicação pôde exercer sobre Hespanha e Portugal. — Grandes resultados já para a alliança e intimidade das idéas entre os dois povos.

Uma das mais proficuas tarefas da critica é por certo ter de se occupar daquella natureza de publicações que, pela generosidade de seus intuitos, amplitude de aspirações e resultados complexos, não tende unicamente a manifestar a vocação de um talento, a provar os progressos litterarios de qualquer espirito depurado e culto pelas lucubrações do estudo, nem ainda a solemnizar uma obra cujo merito reflecta os seus effeitos sómente dentro das raias da individualidade que a creou, mas a marcar uma época nova para qualquer litteratura, alargando-lhe a esphera de seus destinos e influencia.

A *Revista Peninsular* parece-nos ser uma d'estas publicações. O pensamento que a creou aspira a nada menos do que a estabelecer e estreitar uma espontanea e sympathica intimidade entre os talentos mais esplendidos, entre as vocações mais solemnizadas, entre os espiritos mais fecundos e auctorizados nos dominios dos conhecimentos humanos das duas nações peninsulares.

D'esta ligação e permutação das idéas, d'este nobre commercio do que a emulação litteraria produza de mais valioso, d'esta suave e illustrada pratica dos dois povos, pela bocca esclarecida de seus litteratos e poetas, philosophos e publicistas, não pôde deixar de se seguir a verdadeira e fecunda communhão de idéas, a simultaneidade de aspirações, a uniformidade de desejos, de crenças, de ambições que instigue a um abraço fraternal, mas intima e espontaneamente fraternal, dois paizes que a natureza tornou irmãos, e que a historia tem ligado pelos laços politicos e sociaes nas eras mais notaveis da sua existencia.

A *Revista Peninsular* devia ser destinada a completar os esforços que importava ter feito aos governos dos dois paizes para os reunir pelos interesses e pelas tendencias, em toda a esphera da actividade social, em toda a elevação das suas idéas mais impulsivas e illustradas.

Mas o passo que competia dar aos governos, para este grande resultado de que tanto depende a civilização da Peninsula, e a sua preponderancia futura em todas as relações economicas e commerciaes, ainda quasi que nem foi intentado.

Entre Portugal e Hespanha erguem-se todas as difficuldades, todos os inconvenientes, todos os impossiveis, que a natureza, no seu estado mais rude e inhospito apresenta, e que o desleixo das sociedades em atrazo e a desidia e imprevidencia dos homens de estado podem legar ou deixar subsistir em qualquer paiz.

Todos os meios que o esforço, as lucubrações e ener-

gia dos homens tem inventado para encurtar as distancias, estabelecer commuicações, identificar as idéas, os interesses e as vontades, de tudo isto pouquissimo existe em Portugal, pouco em Hespanha, e nada, se consideramos esses progressos, esses melhoramentos instados pela urgencia publica, na intenção de ligar os dois povos pelo trafego e communhão das suas necessidades sociaes, para d'ahi se chegar, por uma transição placida e insinuante, ao abraço intellectual nas espheras do pensamento.

Mas o que não teem feito os governos fal-o-ha a expansão natural dos espiritos, fal-o-ha o curso instinctivo dos conhecimentos, fal-o-ha o impulso sympathico das imaginações que, inspiradas pelos esplendores do mesmo céu, aquecidas pelo mesmo sol, fecundadas pelas mesmas tradições historicas, animadas dos mesmos affectos de familia, de identicas crenças populares, voam a encontrar-se, porque se intendem, porque se identificam, porque se amam como nascidas sob o mesmo influxo que lhes moldou o caracter e lhes deu a mais apreciavel feição em todas as suas produções.

A *Revista Peninsular*, como o seu titulo indica, é o pensamento, o desejo illustrado, a idéa fecunda de fraternisação moral e litteraria, que salta por cima de todas estas barreiras naturaes que a ignavia governativa tem deixado de pé, e que vóa e se diffunde em despeito da carencia absoluta de todos esses meios de locomoção, de todas essas relações de communicabilidade, desse tracto facil, que alarga a existencia dos povos em horisontes sem limites. O seu fim é fazer conhecer os dois povos pelas mais elevadas manifestações que os distinguem. O seu futuro é tão largo como fecundo. Por isso não duvidaremos de assegurar que a sua existencia corresponderá á missáo que tem a completar. É esta a lei que preside ás criações serias. A sua utilidade augmentará de dia para dia o favor publico, e debaixo destes auspicios, todos os esforços, todos os melhoramentos da parte da empresa, serão coadjuvados por um acolhimento cada vez mais animador.

Os numeros publicados são já como o prologo eloquente da sua historia, historia que tem a ajuntar todos os dias novos capitulos em que haverá sempre a registrar uma nova conquista no empenho de tornar intimas as duas litteraturas, e, por conseguinte, as duas sociedades, na acepção mais elevada de seus instinctos e inspirações.

D'um e outro paiz os nomes mais illustres, as voca-

ções mais proclamadas por documentos scientificos ou obras onde os rasgos da fantasia e as gallas do estylo brillam simultaneamente têm corrido já a lançar uma pedra neste edificio, que deverá solemnisar a marcha fraternal das duas litteraturas.

Nós, como de todos o mais humilde nome que ahí figura entre essa phalange illustre, ficaremos de fóra nesta partilha de gloria que por titulo algum nos póde pertencer. Faremos como os arautos da idade media que proclamavam os altos feitos dos cavalleiros extremados, sem todavia partilhar de seus triumphos.

Um quinhão porém queremos nós; e desse não desistiremos embora nos taxem de ambiciosos. É o quinhão que póde vir a todo aquelle que deseje de alma — que deseje com os olhos no futuro e a mão sobre o coração, o verdadeiro progresso e illustração do seu paiz, que neste ponto se identifica e depende dos progressos e glorias da Peninsula inteira.

ANDRADE FERREIRA.

MEMORIAS EXTEMPORANEAS.  
VIAGEM A LISBOA NO SECULO XX.

FRAGMENTO INEDITO.

O hotequim, symbolo da civilisação no seculo futuro — O fumo do charuto e o vapor da agua quente — Os oculos de theatro e os jornaes — Duas classes de escriptores — Emancipação da palavra escripta — A forma afogando a idéa — Mechanismo litterario — Um quarto de idéa por columna de jornal — Entra em scena um novo personagem — Quem era o recém-chegado — Um discurso tribunicio — Falla-se nos Ezaus politicos que venderam as convicções, não por um prato de lentilhas, mas por cem mil réis por anno e um colete de veludo — Prepara-se um escandalo parlamentar — O autor, impaciente, janta e parte para S. Bento.

O doutor tinha-me conquistado.

Fallando-me de tudo, nunca me fallava de si e das suas obras, sem ser interrogado directamente. E era todavia homem de letras.

Que raro animal, pensava eu, se tivesse vivido um seculo antes!

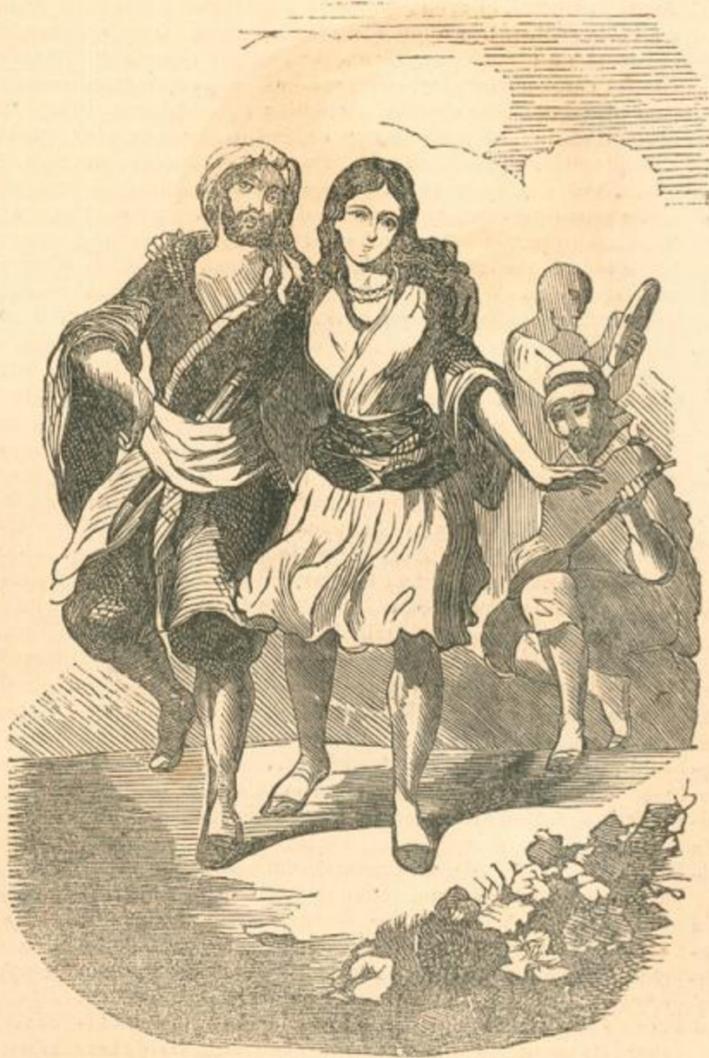
Discorrendo em assumptos litterarios, entrámos n'um *café*, para ler algumas folhas periodicas, de que, na minha vaga reminiscencia de haver sido jornalista de outro seculo, sentia grande curiosidade.

O recinto que penetrára, e onde se agrupava um crescido numero de pessoas, era espaçoso e esplendido.

Ao observar o que ali se passava, occorreram-me rapidas estas reflexões:

Cada seculo, cada phase da civilisação tem um edificio, que representa e symbolisa estes periodos sociaes.

Umavez é o templo, outras é o castello feudal circumdado de fossos e coroadado de ameias, outras o circo, outras a escola, outras o armazem e escriptorio commercial, outras o theatro ou museu artistico, que retratam na sua feição caracteristica a vida de uma epoca, ou de um povo.



O Deserto.



Modas.

A vida do seculo futuro será representada pelo botequim.

O bom e o mau, o util e o pernicioso, a grandeza e a miseria, o matiz variado das cores sociaes, tudo ali se reflectirá, como n'um prisma admiravel, aos olhos do observador attento. A feição democratica, porque todos ali se ajuntam, sem distincção de jerarchias nem precedencia de logares; o espirito de liberdade, pela ausencia de regras, e de auctoridade; a vida de publicidade e relaxamento dos laços de familia, porque ali se vive de continuo em contacto com os estranhos; a ausencia das grandes virtudes e dos grandes crimes privados, porque a existencia geral se uniformisa n'um ambiente homoganeo e nivelador; a tolerancia, porque ali se senta o judeu ao pé do christão, o aristocrata junto do republicano, o ferrenho proteccionista a dous passos do partidario da livre troca; o egoismo, porque tracta cada um exclusivamente do que lhe interessa e agrada, sem attenção a quantos o rodeiam; as tendencias materiaes, porque a occupação ordinaria de todo aquelle mundo em miniatura é lisongear os sentidos por meio do caffè, do aroma e fumo do tabaco, das bebidas espirituosas, dos refrescos, do ponche, que acalenta suavemente, do cognac e genebra, que escaldam, do sorvete, que refrigera, do cha, que espiritua-lisa; a actividade intellectual, porque ali circulam, leem-se, discutem-se as folhas politicas de todos os paizes, a politica, a litteratura, as artes, os inventos, a historia e o escandalo, a prepotencia de um regedor de parochia, e a grande questão, que inflamma a Europa: tudo isto começa a representar hoje e melhor representará então esse pandemonio social, a que hoje se chama caffè ou botequim.

Era ali o *forum*, onde se discutiam todos os negocios da republica, onde se agitavam todos os interesses sociaes, onde concorriam os cidadãos de todos os estados. A ultima lei do parlamento, o recente programma do ministerio, os principios transcendentales da nova escola politica, eram assumptos agitados com o mesmo ardor e eloquencia, com que se discutia a ultima moda das cazacas, a questão do rebuço dos coletes, e a flexibilidade e ligeireza da mais insignificante bailarina.

—No botequim, me disse o doutor, se passa hoje a maior parte da vida das sociedades. Este rumor, este vesperear, este riso, este fumo, estas exhalações aromaticas, tudo isto é o vapor da civilização. Em vez de nuvens de incenso, como n'outra epoca, a terra envia aos ceus o fumo do tabaco e o vapor da agua quente.

Sentámo-nos junto da unica mesa devoluto, de magnifico marmore, desenhado em ricos embutidos. Um servo, elegantemente vestido, se aproximou de nós no mesmo instante, a quem o doutor mandou que nos trouxesse um ponche queimado. Cinco ou seis minutos depois, flamejava diante de nós a labareda palida do mais puro alcohol, e rescendia o mais grato aroma, em torno de uma urna elegante de finissima porcellana.

—É necessario consumir, diz o doutor, para passarmos por homens de bem.

—E os jornaes? perguntei.

O doutor olhou para um e outro lado, metten a mão á algebeira da sotaina e tirou de lá, offerecendo-m'os, uns oculos de theatro.

—Oculos! disse eu; para que?

—Para que! tornou elle admirado. Para ler.

—Para ler o que?

—Pois não me disse que desejava ler os jornaes?

—Disse.

—Pois então, ahí tem os oculos.

—Confesso que não percebo.

—Que não percebe o que?

—Não percebo para que me dá uns oculos de theatro, quando lhe digo que desejo ler os jornaes.

O doutor soltou uma gargalhada, que fez voltar a cabeça aos freguezes mais visinhos.

—Pois como hade ler os jornaes sem oculos, a esta distancia?

—A esta distancia! disse eu, cada vez mais suspenso, e sem dar com a chave do enigma.

Mas tinha assestado os oculos e percorria com a pontaria d'elles todos os desvãos da casa, quando vejo no meio uma grossa pilastra, de cujo capitel pendiam, do tamanho de lençoes, o que ao principio julguei serem cortinas de lustroza seda esbranquiçada, e que agora reconhecia com terem caracteres typographicos.

Eram os jornaes.

As folhas periodicas, que já hoje ameaçam tomar proporções assustadoras, terão attingido no seculo xx dimensões verdadeiramente gigantescas. Quatro metros de comprimento sobre dous e tres quartos de largura será o formato ordinario. Para se lerem commodamente nos logares publicos, penduram-se nas paredes, e um grande numero de curiosos póde regalar-se ao mesmo tempo com a sua leitura, pelo uso dos oculos de alcance.

A folha, que tinha diante de mim, poderia conter nas suas infinitas e longas columnas a materia de bons vinte volumes de hoje em oitavo francez.

—E quem escreve tudo isto, perguntei?

—Essa é boa! respondeu o doutor. Os jornalistas.

—Tantos são elles?

—Como a praga, meu amigo.

—Dou os parabens ao seculo. Prova isso a florescencia da instrucção e das letras.

—Não é tanto como lhe parece. A litteratura cresce em extensão, o que não é o mesmo que augmentar em pro-

fundidade. Talvez esse tempo venha. Por ora escreve-se mais, o que não é exactamente synonymo de escrever-se melhor.

A litteratura reduz-se hoje quasi exclusivamente ao jornalismo. Os jornaes constam de duas partes essencialmente distinctas. O artigo de fundo, a polemica politica, e a parte critica, tem o que se chama estylo ou fórma, e constituem a parte verdadeiramente litteraria. As noticias, as correspondencias, e certos folhetins, que se occupam principalmente da vida particular dos cidadãos, e ordinariamente dos mais obscuros cidadãos, são a parte não litteraria, ou melhor anti-litteraria, da litteratura da epoca. Desta guiza, se encontra hoje a turba dos escriptores, a *gens litteraria*, separada em dous grandes grupos: ao primeiro pertencem os homens de talento, os pedantes, e todos aquelles que se dedicam ás letras por officio, estudando os seus processos technicos, como se estuda geometria, desenho, ou a arte equitatoria; ao segundo pertence toda a outra gente.

—Toda?

—Toda. A descoberta é recente, porem tão natural que admira que não seja velha. Porque não hade ser toda a gente escriptora? Assim como todos fallam, porque não hade todos escrever? O que é a escripta senão uma fórma da manifestação do pensamento? E se a todos é permittido manifestar-o, pela voz, porque lh'o não será por outro qualquer modo? Exige-se a alguém que seja instruido para fallar? N'outros tempos, os escriptores publicos formavam uma classe distincta de todos os outros mortaes, como o clero, como a milicia, como a nobreza, como a advocacia. Para ser escriptor era necessario possuir os segredos da arte pela iniciação dos livros: quem não sabia não podia escrever. Hoje terminou o reinado do privilegio. A rasoira niveladora achatou por uma vez todas as protuberancias sociaes. A antiga Minerva era uma divindade austera e casta; a de hoje humanisou-se, tem porta franca, e tornou-se accessivel aos mais insignificantes mortaes.

Perdoe as figuras, meu amigo, continuou elle; pensei que estava a escrever um artigo de critica para o meu *almanak social*. Mas Deus por ventura exigiu ao homem exame de grammatica, antes de lhe dar a facultade de manifestar o pensamento pela palavra? E se a escripta não é senão a palavra, que entra no cerebro pelos olhos, em vez de entrar pelos ouvidos, como podem os homens tolher esta manifestação, sem se declararem em guerra aberta com a providencia, querendo restringir as suas leis? Eis como hoje se pensa, e até certo ponto com razão. Porem como o bom senso não póde vedar ao nescio que o seja, fallando, não lhe póde tambem tolher a liberdade de escrever sem sizo. Eis aqui como todos hoje são escriptores, por simples direito de nascimento. Se só fallassem os atilados, que silencio sepulchral não reinaria por esse mundo! que cemiterios não pareceriam as cidades! Não acontece assim. Todos fallam, bem ou mal. As palavras vans e inuteis, que são quasi todas, passam sem deixar vestigio; mas a palavra que traduz a minima parcella da verdade eterna, que emmitte uma idéa na circulação do pensamento, essa radica-se no solo da humanidade e fructifica para todos. Assim é da imprensa ou da palavra escripta. Todos se julgam com direito a escrever como a fallar: um incommoda os prelos, para dizer mal de um visinho, que ninguém conhece, ou para assoalhar a vida particular de individuos, de que a ninguém importa, outro dá o seu voto, que ninguém lhe pede, sobre uma questão de que nada entende; este censura o que está acima da sua comprehensão; aquelle elogia o que está abaixo da critica. Foi o que sempre aconteceu no mundo, fallando, é o que agora acontece pela escripta. O peor é que nesta abundancia de joio, quasi que se afoga a boa semente.

—Mas essa, disse eu, encontra-se nesse primeiro grupo dos dous, em que dividiu a turba litteraria, entre os que moldam o pensamento na fórma litteraria, e cultivam a arte divina de dizer e escrever com propriedade e elegancia.

—Oh! meu caro amigo! me volven elle, isso era assim n'outros tempos. Hoje, á força de se aperfeiçoar a forma, quasi que se vae apagando a idéa. No campo litterario, a luta eterna entre o bom e o mau principio parece dar triumpho á materia contra o espirito. A litteratura é hoje um officio, quasi tão mechanico como o de fazer chapéus ou talhar casacas. A ponto chegou o progresso, que a instrucção e a intelligencia, os dotes do espirito e a sua cultura são as qualidades mais dispensaveis para um escriptor publico. Basta-lhe conhecer os processos materiaes da arte e servir-se das machinas com descripção. Admira-se? O que eram no seu tempo os realejos e os pianos-machinas? Instrumentos de que a mão mais ignorante podia fazer sair as melodias mais inspiradas da divina arte do Orfeo. Hoje tambem ha realejos litterarios e machinas de fazer artigos de fundo, folhetins, critica ou obras de arte. O caso é saber trabalhar com estes instrumentos mechanicos, para o que é preciso dar algum tempo ao officio. A erudição está feita, as citações dispostas, as phrases ordenadas; resta mecher as caravelhas e dar convenientemente aos registos. Quer-se o encomio, o vituperio, a elegia, o necrologio a objurgatoria, a biographia de um general ou de um poeta, recorre-se ao manual da arte, quando a pratica ainda não entregou á memoria todas as suas indicações, e lá estão as phrases consagradas, com o seu cortejo de figuras e comparações. Resta infleirar estas moleculas

integrantes do estylo, para o que se inventou um instrumento mechanico adguado, e cil-a completa a obra. O mais difficil é ter a idéa; por isso anda por ahí a litteratura tão falta deste ingrediente, que lhe deveria ser a principal substancia. Crea-la não é para todos. Por isso a maior parte usa do que outros já crearam. Deste uso immoderado, desta repetição continua da mesma idéa, vazada em milhares de moldes mais ou menos parecidos, nasceu n'outro tempo a banalidade, hoje flagello litterario, epidemia, especie de *oidium tuleri* do mundo intellectual. A proporção que a idéa se torna rara, como materia prima, para os productores, e para os consumidores, como substancia fabricada pelos processos litterarios, o seu preço sobe no mercado, segundo a indicação inalteravel das leis economicas. Vê alem aquelles jornaes? Cada pagina só, tem mais de vinte largascolumnas, a que correspondem não mais de cinco idéas, porque uma idéa por cada quatro columnas é o mais que se exige para artigos de fundo de jornal politico de primeira ordem. Para as folhas periodicas de qualidade inferior, uma idéa basta ás vezes não só para um numero, senão para uma semana. Em quanto ás publicações da infima especie, assentou-se deyerem prescindir deste ingrediente, o que tem a importante vantagem de não excitar excessivamente o cerebro dos leitores.

Estas innovações maravilham-me.

—Aquelle longo artigo, continuou o doutor, apontando-me para uma das folhas, é de um dos primeiros escriptores da imprensa contemporanea. Ninguém o excede na abundancia e relevo, e poucos na elegancia e aprimorado da dicção. Ha quatorze annos que se constituiu esta situação politica, e ha outros tantos que elle escreve quasi diariamente, e ainda não dispendeu mais do que uma idéa. Occorreu-lhe no dia, em que o ministerio actual tomou conta das reas da administração, e desde então não tem feito mais do que bordal-a, e paraphraseal-a de todas as maneiras, sem esgotar os recursos da sua facundia. Os seus escriptos são um preambulo eterno. Veja até que ponto a forma pode substituir o pensamento. O redactor daquelle outro jornal...

O doutor continuou, o que a mim me não é permittido, com receio de que alguém ache estes retratos daguerreotypados pelas physiognomias do nosso seculo. Sei que alguns contemporaneos, levados do prejuizo de que todos os viajantes fallam á verdade, duvidam da sinceridade desta narração, e me attribuem a perdida intenção de retratar algumas illustrações da epoca. O peor é não lhes poder eu provar a minha innocencia por não trazer passaporte nem outro documento authenticos desta minha excursão. Paciencia! Quem se pode livrar dos maus juizos do proximo?

O doutor continuava, instruindo-me á cerca da litteratura da epoca, e contando-me curiosas anedotas, quando um personagem notavel pela volubillidade da physiognomia e audacia do gesto, se chegou ao pé de nós, e cortejando familiarmente o meu estimavel companheiro.

—Bons dias, doutor, disse, repinpendo-se n'uma poltrona, e lançando sobre mim um olhar fino de curiosidade e ao mesmo tempo, quasi, de affectado desdem.

—Sou um criado de vossa alteza, respondeu o doutor sem se levantar, nem levar a mão ao chapéu, sem interromper mesmo o acto de escorruptar os ultimos sobejos do ponche, com a cabeça inclinada para traz e o calix emborcado.

Ao ouvir o tratamento, fiz, com a possivel elegancia, o meu cumprimento respeitoso, julgando estar na presen, sa de um principe de real sangue. Só me admirou a sem cerimonia do doutor, homem que aliás me parecia delicado e sabedor das etiquetas, como do tudo. Porém os costumes, que ia encontrando, eram tão diversos do que me representava a rememorencia de outras eras, que á conta d'isso lancei a estranheza do que via.

—Vossa alteza, quer ponche? disse o doutor.

—Obrigado, tornou o recémvindo; tenho medo de estragar a voz, e esta noute preciso de a ter afinada.

Tive serios receios de que o meu principe me sahisse *primo-tenor* de alguma companhia de canto. E porque não? Pensava comigo; na Italia ha tantos principes, e as revoluções, que ali se agitavam, lalentes, como a lava do Vesuvio, n'esse longiquo tempo daminha recordação, podem ter produzido tão notaveis abalos, que tudo é possível.

Nenhuma das minhas conjecturas era exacta.

O desconhecido não era principe nem cantor. Cercando os punhos e fazendo um gesto de ameaça, dizia para o doutor:

—Camara e ministerio não de hoje ficar abalados aos tios da minha indignação.

Era um deputado da opposição.

Mas o que significa aquelle tratamento de alteza, que hoje só ás pessoas reaes se concede, perguntará o leitor?

Mais tarde me disse o doutor que depois da revolta civil, em que uma certa facção, que n'outros tempos se dissera socialista e ultra democratico, ficára preponderante, os deputados d'aquelle corrilho, para consagrar as suas tendencias equalitarias, tinham decidido dar uns aos outros alteza, assim como adornarem-se com os distinctivos dos famulos do palacio.

O tribuno parecia despedir raios de colera dos olhos, que alumiaava um fogo interno.

A palavra sahia-lhe dos labios calorosa e vehemente.

Aquelles accentos pareciam revelar a indignação de uma alma honesta.

— Aquellas abobedadas, clamava, não-de estremecer aos eccos da minha palavra. O Deus da ira e do castigo falará pela minha voz. Tenho provas, tenho documentos. As minhas revelações serão outras tantas agudas setas, que irão cravar os ministros no seu banco de angustias. O meu dedo escreverá nos muros o *mane thecel phares* d'esta Babilonia de abominação...

— Tenho a honra, interrompeu o doctor, insensível áquellas baforadas ciceronicas, e apresentando-me o orador, como se a etiqueta devesse preterir a eloquencia, tenho a honra de lhe apresentar o sr. visconde \* \* \*, o Gracco moderno, um dos primeiros oradores do nosso parlamento.

Supprimi o titulo, porque serve hoje de apellido a uma familia illustre da minha amisade, e ignoro se lhe agrada as idéas politicas do seu futuro neto.

O Gracco visconde suspendeu os rasgos da sua oratoria tribunicia, para me fazer com toda a cortezia e delicadeza os seus cumprimentos, como se a indignação fosse n'elle de tarracha; a par da eloquencia. Depois continuou, subindo de novo ao diapasão agudo da sua objurgatoria, como o cantor amestrado que tendo interrompido a aria, volta a buscar o tom da ultima nota.

— Tracta-se hoje, dizia elle, da grande questão do feijão fradinho. Não-de escutar palavras amargas... Os meus amigos vão ouvir o meu discurso, não é verdade? Juro que nunca fiz nenhum tão brilhante.

O doutor e eu promettemos ir ouvi-lo.

— Hei-de chamar ao ministro charlatão, e aos monopolistas de feijão fradinho saltadores.

— Chama-lhe o que são, acudiu o doutor, e não diz mais do que a verdade. Porém esses termos não são parlamentares, e hoje as conveniências não consentem que se digam as cousas feias pelo seu nome. Póde exprimir a idéa, sem dizer o vocabulo.

— Hei-de exprimir a idéa e dizer o vocabulo, tornou o visconde, alteando a voz. Hei-de rasgar o veu, que encobre as pustulas d'este corpo social, e apontal-as com o dedo ás turbas. Hei-de-lhe mostrar a corrupção d'esses vermes, que se chamavam amigos da egualdade e da patria, e que venderam as suas convicções, uns por um titulo, outros por uma cadeira de palhinha de representante do povo, outros, a maioria d'elles, por um collete de veludo preto, e cem mil réis por anno, como Ezau vendera a primogenitura por um prato de lentilhas.

— Na verdade, disse o doutor, risonho, e fixando o tribuno com ar sarcástico, venderam-se muito baratos.

Não comprehendí o riso nem o sarcasmo. Muito menos, quando o doutor me disse depois, que tudo aquillo era exacto; que tinha havido n'esta terra uma seita de niveladores, que apregoaram por muitos annos, em delirios tribunicos, uma panacea communista, e que por fim modificaram as suas idéas no sentido mais ciosamente conservador, mediante os ditos cem mil réis e o collete de veludo.

O visconde porém, ou porque não gostára do riso e da interrupção do doutor, ou por outro qualquer motivo, levantou-se da poltrona, e foi orar para junto de outra meza, no mesmo tom de voz elevado, que attrahia as attentões de muitos dos circumstantes.

Eu esfregava as mãos, pensando na scena, que ia presenciar na camara. Sentia a minha curiosidade aguilhoada pela perspectiva de um escandalo parlamentar e pela confusão — se era verdade o que o visconde asseverára — dos charlatães e criminosos, que elle fa profligar com a sua palavra, cheia de nobre indignação, e com as provas e documentos, que disse possuir.

Recordava-me de remotos tempos, em que a esperança de um destes actos de justiça nacional se tinha desvanecido no meu espirito, ultima illusão da mocidade.

Saimos, eu e o doutor, porque já não era cedo, e eu fervia já de impaciencia por me ver no parlamento, que se abria dahi a duas horas.

O doutor convidou-me para jantar n'um hotel magnifico, ao Chiado, onde se reunia quanto a capital continha de mais illustre e elegante.

Jantámos á pressa. O doutor esboçava-me a biografia de varias illustrações da epocha, que ali eram presentes. Porém a minha imaginação levava-me para S. Bento, para a politica, para a questão do feijão fradinho, para o visconde tribuno, para a scena memoravel, que já se me afigurava presenciar.

Interrogué o doutor acerca do visconde, da sua posição e principios politicos. Elle, sem me dar outros esclarecimentos, disse-me que em presença do que ia observar no parlamento esperava que fizesse exacto juizo.

Jantámos. Para não sobrecarregar estas memorias e a paciencia do leitor decidí poupar-lhes as minhas considerações sobre os costumes culinarios da epocha.

Eis-me com o doutor caminho de S. Bento. O que ali vi e observei, e o desfecho da historia politica do tribuno, que havia de escrever como Daniel as palavras cabalisticas, e fulminar os Balthesares da corrupção, ver-se-ha no proximo capitulo.

A. DE SERPA.

## HORAS DE AMOR

E

### HORAS DE DESENGANO.

(IMITAÇÃO.)

I

No esplendido mez de maio, quando os botões desabrocham, rompendo o fragil involuero, eu senti despontar no coração o amor.

No esplendido mez de maio, quando as aves cantam nos bosques a primavera, eu ajoelhado aos pés da minha amante, revelava-lhe os segredos do meu affecto, e os tumultuosos desejos, que me abrasavam a alma, e os sentidos!

II

O' querida! as minhas lagrimas são bellas como as flores, e os meus suspiros harmoniosos como o canto dos rouxinoes, em manhã placida de estio.

E se queres amar-me, as flores alegrarão os teus olhos, e o canto dos rouxinoes acalantarão suavemente os teus ouvidos!

III

Outr'ora as rosas, os lyrios, as pombas, o sol, eram o meu enlevo: agora tudo esqueci, querida, amo-te a ti só; tu és para mim a emanção do amor, e vales mais do que a rosa, o lyrio, a pomba e o sol.

IV

Quando contemplo os teus olhos, o soffrimento e a dor desaparecem; e quando uno os meus aos teus labios, sinto que uma nova vida alenta a minha alma.

Se me encosto ao teu seio, uma celeste embriaguez se apodera de mim: e coitudo, se me dizes « amo-te » o pranto corre-me em fio pelas faces.

V

Encosta a tua face á minha face, querida, para que as nossas lagrimas se misturem: une o teu ao meu peito, para que a mesma chamma devore os nossos corações!

E então quando a chamma se mitiga pelas lagrimas, quando os meus braços te apertarem com vigorosa ternura, talvez que eu expire de felicidade, n'um transporte delirante d'amor!

VI

Eu quizera que a minha alma habitasse o calix mimoso de um alvo lyrio: o lyrio hade entoar um cantico, que languidamente adormeca os sentidos da minha amante.

E o cantico hade estremecer e murmurar como o beijo que ella me deu em hora mysteriosa e suave!

VII

Lá em cima, ha milhares de annos que as estrellas se conservam immoveis, olhando-se em extasis doloroso de amor.

Ninguem soube ainda que lingua bella e encantada fallavam entre si. Só eu a pude entender, e nunca heide esquecer-a: aprendi-a, fitando os namorados olhos no rosto da minha amante.

VIII

No rapido devaneiar dos meus cantos, tu has de ser transportada ás margens do Ganges: ahi, sei eu que existe um retiro delicioso.

Ahi, veceja e floresce um jardim embalsamado, cujas flores a lua banha languidamente com os seus bonancosos raios: os lotus esperam-n'a com alvoroço:

As violettas parecem sorrir ás estrellas: as rosas conversam entre si, trocando os delicados perfumes.

As timidias e palpitantes gazellas approximam-se e escutam: ao longe, ouvem-se murmurar as aguas do sacro rio.

É ahi, querida, que recostados á sombra das palmeiras, sentiremos no pensamento revoarem-n'os sonhos celestes, e encantados delirios!

IX

O lotus não póde supportar os clarões esplendidos do sol, e com a fronte pendente, espera ansioso a noite.

E quando apparece a lua, que elle ama, accorda á sua luz suave, e mostra-lhe amorosamente a sua mimosa face de flor:

Floresce, brilha, ergue-se do abatimento, tomando cor e vida: e depois suspira, chora, torna-se fremente de amor, absorvendo-se nos seus delirios, e nas suas amarguras!

X

Nas aguas do Rheno, nesse rio que é santo, se mira, com o seu magestoso zimbório, a grande, a sagrada cathedral de Colonia.

No zimbório está uma figura pintada: e essa figura muitas vezes animou a solidão da minha vida.

Flores e anjos vagueam nas alturas de Nossa Senhora de Paris: olhos, labios, faces, tudo se assemelha aos que me enlevam no rosto da minha amante.

XI

Tu não me amas, querida, bem sei que me não amas: e todavia, de tudo me esqueço, quando posso fitar os teus olhos.

Has-de aborrecer-me, é possível que me aborreças já: é a tua boca vermelha como a rosa que m'o annuncia. Embora! não desvie os labios de um beijo meu, que ficarei consolado.

XII

Não faças juramentos, e abraça-me, que é quanto basta: eu não acredito nos juramentos das mulheres: o que dizes ouço-o meigamente repercutido no coração, mas o beijo que te dei, diz mais ainda. És minha, e as palavras são apenas um sopro que se esvae na amplidão do espaço.

Oh! jura, jura sempre querida: acredito os teus protestos. Quando caio nos teus braços, julgo-me para sempre feliz: creio, meu amor, que has-de amar-me toda a vida, e ainda depois da morte!

XIII

Quantas canções fiz aos teus olhos! Quantos arrebatados tercettos á tua mimosa boca! Quantas eloquentes estancias aos teus formosos labios! E se tivesses tambem, querida, um coração, far-lhe-ia um soneto maravilhoso.

XIV

O mundo é cego, o mundo é louco: o que se ouve é inverosimil e absurdo. Dizem de ti, minha joia, que não tens um caracter leal.

O mundo é cego e louco, e não te hade nunca comprehender: nao sabe como os teus beijos são ardentes, e como são languidos os teus abraços!

XV

Dir-me-has hoje, querida, se tu és apenas uma daquellas fantasticas visões, que a cabeça exaltada do poeta cria nos calmosos e suffocantes dias de verão?

Não: uma boca tão linda, olhos tão feiticceiros, uma creatura tão bella, e tão carinhosa, tudo isso não póde nascer na imaginação de um poeta.

Basiliscos, e vampiros, dragões e monstros, o poeta muitas vezes os concebe.

Mas a ti, e á tua perfidia, ao teu semblante gracioso e aos teus olhares suaves e maliciosos, não ha poeta nenhum que possa criar.

XVI

A minha amante resplandece de frescura e de belleza, como Venus surgindo do seio das ondas—porque é hoje o dia dos seus esponsaes.

O coração, coração, tu que és humilde e paciente, não a odeies por te haver atraído: padece essa acerba dor, e padece a em silencio: seja perdoada, a que enlouqueceu, na aurora dos seus annos.

XVII

Não te quero mal; e se sinto dilacerado o peito, ó mulher que perdi para sempre, não te quero mal por isso. Embora o fulgor dos teus diamantes te illumine o rosto, nenhum d'aquelles brilhantes raios dissipa as trévas que te enlutão o coração.

Ha muito que o sabia: Eu já te vi em sonhos, e contemplei a tua alma envolta na escuridão, e as viboras que a habitam, revolvendo-se tumultuosamente entre sombras negras. Eu bem sei, ingrata, quanto és desditosa!

XVIII

És desditosa, e compadeço-me de ti: e nem tu, nem eu, seremos nunca felizes. Só a morte, poderá destruir a triste sina que nos condemna a ambos!

Bem vejo a ironia pousar em teus labios, e os teus olhos chamejarem de despeito insolente, e os teus seios dilatarem-se de orgulho: embora! Repito sempre: a tua sorte é tão mesquinha como a minha.

Um padecimento invisível descora os teus labios: uma lagrima mal comprimida enfraquece a chamma dos teus olhos: uma chaga occulta devora o teu peito orgulhoso: acredita, mulher, o nosso destino é sermos desgraçados!

XIX

Esqueceste porventura que já possui esse coração tão suave, tão brando e tão fementido?

Esqueceste porventura quanto amor, e quanta magua póde conter a minha alma, amando-te?... Eu ignoro qual era mais forte, se o amor, se a magua, sei coitudo que ambos os sentimentos mal me cabiam unidos ao peito!

XX

E se as flores, as candidas flores, soubessem quanto é profunda a ferida que me abriste no coração, chorariam comigo para alliviar as minhas dores.

E se os rouxinoes soubessem como me vejo doente e triste, entoariam um alegre canto para distrair-me!

E se lá em cima, essas douradas estrellas soubessem o que eu padeço, desceriam do firmamento para vir consolar-me!

Ninguem, ninguem sabe a acerba agonia, que me devasta a alma e os sentidos: só tu, que me cravaste a seta envenenada, que me atormenta de continuo.

XXI

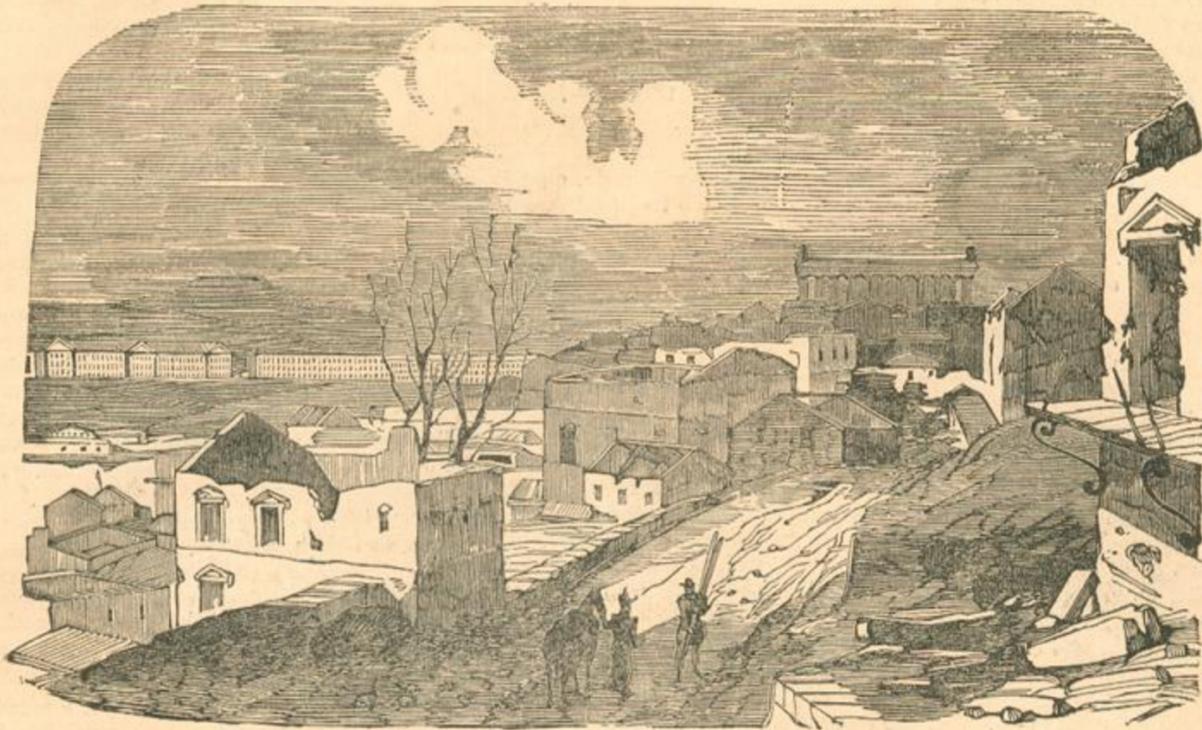
Ó querida, diz-me porque vejo eu as rozas tão palidas e descordadas?

Porque é que na verdejante campina as violetas perderam o viço e o perfume?

Porque é que a covia solta tão melancólica a voz, ao romper da madrugada? Porque é que o aroma dos jardins se converteu para mim nas funereas exalações do eypreste, que cresce sobre os tumulos?

Porque é que o sol luz sombrio e gelado sobre os campos? E a terra me parece parda e taciturna como as lousas de um cemiterio?

Porque me sinto eu tão quebrantado e triste? Diz-m'o, meu amor, que t'o saberei agradecer. Porque me abandonaste, mulher, quando eu te amava tanto?



Uma vista de Sebastopol.

XXII

(Continúa).

LOPES DE MENDONÇA.

### CHRONICA SEMANAL.

Nem só novas tristes tivemos na semana consagrada á maxima tristeza; os nossos irmãos do Porto, mandaramos em presente fraternal as amendoas pelas endoenças. É um livro excellenté de Faustino Xavier de Novaes, vantajosamente conhecido já em todo o paiz, e o que é mais um livro de poesia n'este seculo de proza. Podemos ainda accrescentar que é um livro de poesia, com verdadeiro merecimento, o que não é menor raridade.

Faustino Xavier de Novaes continúa a herança de Nicoláo Tolentino, e talvez mais ainda de Diniz e de Garção. Seria por ventura para desejar maior correcção na phrase e menos desleixo na metrificacão, mas estes defeitos que o auctor é muito capaz de emendar por si mesmo, são resgatados por verdadeiras bellezas e algumas d'ellas de primeira ordem.

Ha ali trechos criticos, escriptos com atticismo notavel, que revelam o espirito de observacão, que não deixa escapar o ridiculo sem o commentar, avivando-lhe o burlesco, e dando-lhe muita vez as proporções d'uma boa caricatura. Analysando e estudando a epoca em que vive, Novaes em vez de tomar a serio as torpezas e miserias que a maculam, ri-se d'ellas, e rindo, consegue feril-as da mesma forma.

Vê-se lendo este volume de versos, predominar nelles uma idéa, que revive a cada pagina: é a aversão pronunciada aos parvenus, e á influencia do metal sonante, que depois de remir as culpas, chrisma os homens. Os Barões e Viscondes têm negra vida com o satyrico portuense, a quem favorece sempre a rima, favorecendo-os muito pouco a elles. Parece que n'aquella cidade, abunda esta raça, exercendo grande preponderancia. Assim o dão a entender as obras ali publicadas. E só assim se justificam as declamações continuas que fervem em verso e em prosa, em estylo carregado ou ligeiro, por parte da nova phalange. Camillo Castello Branco, já o tinha feito sentir em apostrophes energicas no theatro e no romance, Novaes recorre á ironia e ao motejo. Cada um d'elles preparou as suas armas predilectas, para atirar ao mesmo alvo. Estamos que os tiros haviam de acertar muita vez, e alguns podemos asseverar que feriram o ponto. A tribu está espalhada e entre nós tambem existe, talvez mais diminuta, mas igualmente caracteristica para poder ser avaliada. Desejamos contudo vér nas *Poesias* de Novaes, menos insistencia n'este assumpto, tão discutido e vulgar. Tinha muitos outros em que podia brilhar, o que já soube provar n'algumas paginas.

O oiro é incontestavelmente a maior victima das poetas e escriptores; todos declamam e gritam contra elle tanto, que tem conseguido affugentá-lo de si. Se fosse possível juntar agora tudo o que se tem dito a este respeito em bons e máus versos, em elegante e sensabor prosa, dava que ler á futura geração. E fallando em consciencia, não ha razão para tanto. A culpa não é do dinheiro, é de quem não sabe nobilitar-se verdadeiramente com elle. Estamos convencidos que, intimamente, os poetas não abominam esse metal luzente, assim como os prosadores. Habituarão-se a symbolisar nelle, os erros de certos homens, e a má companhia em que anda quasi sempre, é que o deitou a perder. A final o oiro é como o talento, a

applicacão que se lhe dá, é o que o eleva ou o degrada. Quanto a nós apesar do muito mal que temos ouvido dizer d'elle, ainda lhe não podemos ganhar antipathia. Talvez mesmo ainda um dia levantemos um brado em sua defeza. Já que todos lhe proclamam o máo só, é justo que alguém dêga o bom.

Esboçamos rapidamente a impressão que nos causou a leitura das *Poesias*, de Novaes, nem os limites d'uma chronica permittem outra coisa. Terminaremos por tanto assegurando ao auctor um futuro brilhante, continuando a cultivar com esmero e applicacão o genero a que se dedicou, e cuja estrêa é já uma promessa bem valiosa.

A novidade que ultimamente apresentou o theatro francez foi uma comedia em tres actos, intitulada *Se Dieu le veut*, de mr. Bayard e de Bieville, titulo este que logo no primeiro acto, o expectador ouve repetir a cada momento, e que é a divisa do fatalista Lucien de Kersel, personagem importante da peça, como já se pôde prever. O acaso conduz-o a casa d'um amigo no momento em que este vai desposar a mulher, que elle reconhece ser a que o seu coração escolhêra, e que desgraçadamente o tinha tambem adinhado. Procura fugir-lhe, mas nunca o consegue. Uma infinidade de contratempos o prendem. A fatalidade ou o destino transtornam-lhe todas as combinações, e quando se julga longe, um incidente imprevisto, uma casualidade extravagante, aproxima-o cada vez mais. Para não faltar nada, até á força e preso o trazem á presença d'aquella que elle busca evitar. A lucta torna-se então impossivel, ha uma força superior que o dirige, e a que se vê obrigado a ceder. Mas tudo isto está conduzido com habilidade, naturalmente, e sem inverosimilhança. Situações comicas tambem não faltam, originadas na maioria pelo empenho que a irmã casada tem de afastar para longe Lucien de Kersel, e que para melhor o conseguir, desperta ciumes no marido, contando assim com mais um auxiliar poderoso para realizar o seu intento.

Quanto ao desempenho, mademoiselle Roqueville imprimio ao sympathico papel de Henriette, aquella gentileza seductora que a distingue sempre. Verdade de inflexões, pureza de dicção, ingenuidade desaffecteda, tudo reúne. Entendemos por tanto que contractar esta actriz para o anno, no caso de haver idéa de continuar a companhia franceza, era de muita vantagem, pois estamos persuadidos que não é facil encontrar quem a substitua, e o apreço em que a platêa tem o seu talento, e os applausos que lhe prodigaliza todas as noutes, são razões mais que sufficientes para justificar esta exigencia. Ninguém deixaria de applaudir esta resolução da administração, e esta era a primeira á lucrar na acquisição da actriz, satisfazendo assim os desejos publicos.

De todos os artistas escripturados este anno, apenas Mlle. Roqueville, e Mr. Minne conseguiram um acolhimento e favor que se não tem desmentido até ao fim da epoca: era prudente repetimos, o renovar-lhe as escripturas, na certeza de que o publico os veria ainda com prazer, porem abandonar a occasião que se offerece, para conservar da companhia os dois conjuges Luguets, e MM. Hyacinthe e Bardoux, que são os já escripturados, é desconhecer as conveniencias do theatro, e não acceder aos desejos que até aqui se tem manifestado. Mr. Luguets, que no anno passado pôde sobresahir entre as seus companheiros do theatro de D. Fernando, não alcançou este anno a mesma consideração. Gesto exagerado, voz em extremo volumosa e sem a saber moderar, parece um energúmeno que brada na praça publica, ou um orador sagrado que falla a um auditorio de milhares de pessoas e em campo aberto. Em cada comedia — e não são muitas as que

tem representado — revela-se o actor de provincia habituado a expectadores de gosto pouco esmerado e que avaliam o alcance do actor pela força do pulmão. Como director, tem-se mostrado inexperienced, deixando a M. Bardoux a gerencia e serviço ordinario dos ensaios; e, menos conciliador do que convinha, indispõe a vontade de todos os artistas, que de má grado se prestão hoje á auctoridade que elle exerce. Mme. Luguets tem não poucos defeitos como artista, não sendo o menor o de apparecer mais vezes do que comportava a sua aptidão, como ainda agora aconteceu nesta comedia, *Si Dieu le veut*. Alem d'estes inconvenientes, é preciso juntar que, ainda quando melhores fossem, todos conhecem qual é o resultado de passar tres annos no mesmo theatro.

Mme. Castellan, e era uma cantora de verdadeiro merito, não soube esquivar-se á saciedade com que já era ouvida, que fariam aquelles que não podem soffrer umz comparacão que não fosse offensiva para aquella cantora.

Se na proxima estação se conservar a companhia, a administração deve, com a lição porque passa, evitar os erros em que ponde cair na presente epoca. Requer-se que um director seja não só um homem especial para este serviço, mas dotado de energia e zello para desempenhar esta commissão; exige-se principalmente que não tenha parentes, ou outra ligacão qualquer com os individuos da companhia, porque aliás vê-se sujeito a influencias que causam as preferencias, a má distribuição dos papeis, levanta caprichos e rivalidades em que o publico soffre sempre e os proprios artistas igualmente.

O Mestre dos actores portuguezes, escolheu para o seu beneficio o *Alfageme de Santarem*, de Almeida Garrett, e a concorrência numerosa, que affluio ao theatro normal naquella noite, foi uma prova evidente da accitacão que teve esta escolha, alem da sympathia que ha pelo artista. Epifanio prestando mais esta homenagem á memoria do auctor do *Fr. Luiz de Sousa* e *Auto de Gil Vicente*, mostrou que não era esquecido, e que sabe ser grato. Deve-lhe muito, reconhece-o, e tenta agradecer-lhe. E realmente quem fez mais do que elle pela arte, procurando nobilital-a?

Foi grande a impressão que produziu a representacão do *Alfageme de Santarem*; o publico maravilhava-se ouvindo aquella linguagem tão elevada, tão singela e tão correcta, e que todos entendem.

Que firmeza de traços nos contornos dos differentes caracteres. O popular, o fidalgo, e o plebeu, como estão desenhados com correcção e relevo! *Froilão Dias*, o modelo dos padres, o typo venerando do religioso, a fiel expressão do Sacerdote do Evangelho, como está gravado com mestria! E a mimosa creação de *Alda*, imagem seductora da mulher verdadeiramente mulher! Aonde se encontra uma galeria mais completa de bellos retractos? No theatro estrangeiro ha alguma mais rica e deslumbrante?

Que homem era Garrett! como tudo parece pequeno quando elle se eleva nesses pedestaes que ergue pelas proprias mãos! Como as saudades e a admiracão nos dominam quando contemplamos essas maravilhas que nos legou! Como elle manejava a nossa lingua, e a sabia tornar mais elegante e viçosa do que nenhuma!

Tudo isto parece que o publico comprehendeu naquella noite; nunca os applausos foram tantos, nem tão vivo o enthusiasmo.

Os actores esmeraram-se tambem no desempenho. O beneficiado não se poupou a esforços para reproduzir com verdade e elevacão o vulto magistral de *Froilão Dias*, e conquistou alguns bravos espontaneos. Rosa, no *Alfageme*, teve momentos felizes, e buscou imprimir-lhe a feição caracteristica do typo. Emilia, na *Alda*, representou com bastante talento. ERNESTO BIESTER.

### MODAS.

Chapeu de seda cõr de rosa com enfeites de pennas. Mantelete de veludo preto com guarnição de trancinha e rendas. Vestido de seda cõr de castanha.

Para as meninas ou chapeu de tafetá branco guarnecido de blonde, ou laços de fita cõr de rosa no penteado. Vestido de seda azul; o corpete aberto adiante deixa ver a camisinha de mousseline ou caça mui fina. As mangas do vestido e a cintura guarnecidas de laços de fita.